‘DURACELL, MRS. TANAKA SAID’

FERDINANDO FREGA



DURACELL, DISSE A SENHORA TANAKA

A morte japonesa

The Art of Attraction · 12

Naquele dia eu estava na sede, em Milão. Tinha que explicar ao pessoal do marketing como um produto podia ser vendido só deixando as pessoas sentirem o cheiro dele, algo em que ninguém jamais tinha pensado.

Vendíamos produtos de cuidados pessoais e nunca tínhamos tido nenhum tipo de ligação com comida. Mas o que parecia lógico encontrou na realidade outra dimensão, onde a fantasia se casou com o noir e de repente virou verdade.

A ideia era que, se pedíssemos a um cliente para cheirar a bandeja de um produto, ele nos diria que não sentia cheiro de nada além de papelão prensado. E eu seria quem lhe diria que ele não conseguia sentir, sozinho, o perfume do sucesso por trás da marca.

Ahahahahahahahah.

Mas não vamos nos perder nos bastidores. Não é disso que a história trata.

Eu tinha acabado de voltar do meu cachorro-quente quando, bem na saída, junto da portaria, encontrei o meu CEO prestes a sair. Ele me chamou e disse: “Frega, venha comigo. Pare de brincar com o pessoal do marketing, eles nunca vão entender, não até verem você trabalhando no campo. Venha, vamos ao

aeroporto encontrar uma colega da Gillette, a nova CEO do Japão, a senhora TANAKA.

“Você vai ver, ela é uma mulher agradável, e adora os calabreses. Muito tempo atrás ela teve um namorado da sua terra; ela me contou isso na nossa última reunião do conselho em Boston.”

“Mas, Dottore, eu não falo japonês, nunca tive namoradas por aquelas bandas, não saberia como me comportar nem o que dizer. Nunca estive lá.”

“Vamos, entre no carro, você dirige. Vamos para Milano Malpensa e eu explico no caminho. Vou pedir à minha secretária que diga a todos que procurarem você que você está em missão comigo.”

Tínhamos uns cinquenta minutos de estrada pela frente, e ele começou a me fazer perguntas pessoais: a família, os filhos, notícias do meu pai, que ele conhecia bem. Nada de trabalho. Só nos últimos dez minutos antes do aeroporto ele me deu alguns detalhes técnicos sobre quem estava chegando.

A senhora Tanaka tinha sofrido recentemente uma perda, a morte do pai, e aquela era uma boa ocasião para oferecer as nossas condolências. Nas entrelinhas, surgiu que ela vinha do conselho global da Duracell e tinha recebido aquela nomeação recente na Gillette apenas alguns trimestres antes. Mas nenhuma suspeita do que havia por trás, pelo menos não nas minhas latitudes.

Eu a vi chegar: estatura média, elegante, sorridente. O meu CEO a cumprimentou calorosamente com o beijo ritual nas

duas faces. Eu não tinha essa intimidade e me limitei a beijar a sua mão, e ela sorriu.

Ela pediu primeiro para ir ao banheiro e depois para pararmos numa das mesinhas do bar, para tomar alguma coisa e trocar algumas palavras.

Voltou pouco depois, fresca e ainda mais perfumada do que antes, e o meu CEO se dirigiu a ela para oferecer as condolências. Ela respondeu:

“A morte é a mesma no mundo inteiro, mas a filosofia de quem olha para a morte e conta a história da vida é, para um povo oriental, muito distante da ocidental.” O que ela queria dizer?

“Vocês choram quando se lembram dele. Nós sorrimos quando contamos a sua história, porque ele vive dentro do que fez, não só dentro do que foi.”

Era um conceito novo e difícil ao mesmo tempo. Não perdi o equilíbrio, mas tive dificuldade em digeri-lo.

Então ela se virou para mim e disse, em perfeito dialeto calabrês: “Capisci sti.”

Ahahahahahahahah.

Os dois ficaram juntos uns dez minutos, numa conversa reservada, e eu continuava pensando nas palavras dela. Ao passar de volta por mim, ela se despediu e se afastou, e enquanto ela ia embora eu a chamei, gritando:

“Senhora Tanaka, capiscia aaaa.”

Ela sorriu e foi embora.

Mais cinquenta minutos de carro para voltar à sede. O CEO ficou em silêncio, não disse nada, e eu dirigi sem fazer perguntas, até que a certa altura ele me disse:

“A colega japonesa me disse que você é um homem agradável, mas que é preciso tomar cuidado com você.” Por quê?

“Ela disse que pessoas como você não trabalham para empresas, nem as dirigem.” E o que elas fazem?

Ele sorriu e respondeu: “Capisci sti.”

Ferdinando